

O VOO DO ARADO

EXPOSIÇÃO SOBRE A AGRICULTURA E O ESPAÇO RURAL NO MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA

Sinopse

Trata-se de uma exposição sobre a agricultura e o espaço rural português na multiplicidade de cambiantes que em cada momento apresentam, e nas sucessivas mutações e processos de transformação ao longo das últimas quatro décadas.

Nos meados do século perduram as tecnologias tradicionais portadoras de maiores arcaísmos com os ritmos e gestos de trabalho a elas associados na produção de bens e ideias, inerentes a modos de vida que foram fabricando e reproduzindo alguns dos grandes traços da paisagem e da mundividência que também nesta se projecta.

É no entanto já neste quadro temporal de uma relativa estabilidade de formas e processos tecnológicos das sociedades e economias rurais que vão ocorrendo inovações, algumas pontuais, outras de maior alcance, que, contudo, só viriam a generalizar-se a todo o país com as grandes mutações que se começam a esboçar de forma mais sistemática nos anos sessenta.

É este o cenário de partida para a apresentação da globalidade das alfaias de uso (e fabrico) tradicional local, na diversidade de formas e funções que preenchem de acordo com as produções ao longo do calendário agro-pastoril, e na sua expressão regional diversificada. Esta traduz-se, por vezes, de forma particularmente significativa, na definição de zonas contrastantes do país que a exposição também procuram mostrar.

Objectos, mapas e fotografias identificam os sinais e sentidos das permanências e das transformações ocorridas desde então na agricultura e nas relações das comunidades locais com o espaço rural. Coabitam assim nesta exposição a pequena alfaia, de estrutura simples e uso manual, e a máquina pesada e imensa, a energia animal e a força motriz das caldeiras a vapor e dos motores de explosão.

Tendo esta exposição uma vertente que procura apresentar uma etnografia do mundo rural em Portugal, é todavia como espaço mais amplo de reflexão e de interrogação que ela se constitui. Indiciam-se assim questões quanto a um futuro em que a retracção da agricultura libertará a terra/natureza/paisagem para novas relações dos homens com o território.

A exposição *O Voo do Arado* comporta três espaços em forte articulação. Os dois primeiros são uma das grandes salas de exposições temporárias do museu (cerca de 650 m²), onde estão representadas e documentadas paisagens, produções, alfaias e formas de organização de trabalho no Norte e Centro do país, e um pavilhão exterior, de cerca de 500m², com uma passagem a ligá-los, onde se encontra igualmente representada e documentada a vida rural no Sul, zona onde mais cedo e mais expressiva se tornou a presença de todo o tipo de máquinas associadas à agricultura.

O preâmbulo da exposição é um arado que sobrevoa a entrada da sala, como um

pássaro, separado da terra que já não trabalha, mas por certo indispensável ao imaginário com que teremos de pensar a natureza e a paisagem.

A inclusão dos mapas de Portugal, com os dados mais reveladores que situam estas transformações do país agrícola, visa propôr um ponto da situação quantificada e de leitura gráfica imediata, que o texto sobre o *Declínio de um tempo longo*, que faz a abertura do presente catálogo, procura equacionar. O *Voo do Arado*, sobre a agricultura e a sociedade rural portuguesa nas últimas décadas, permite pensar, para além delas, o próprio território e a pluralidade de usos, discursos e representações que nele se investem.

Uma segunda dimensão da actualidade da exposição situa-se no facto de ela mostrar o tipo de peças que os museus, à escala local ou regional, detêm no seu espólio e mostram. Nesse sentido, ela deseja constituir-se em espaço de colaboração e apoio teórico e metodológico na organização de eventos, que podem, simultaneamente, inserir-se no quadro geral da compreensão da agricultura em Portugal e serem capazes de revelar especificidades que, àquela escala, esse mesmo universo apresentou ou apresenta. Estes museus são, em geral, construídos em torno de bens patrimoniais, personalidades e objectos que reforçam a sua marca fortemente identitária, não apenas por esses vínculos de ligação ao local ou à zona onde surgiram e existem, mas também pelo que mostram e como mostram e pelas acções que propõem. Do mesmo modo, são também, em geral, as colecções e a própria *vocação* etnográfica do museu a tonalidade mais presente. Quando se situam em zonas rurais, ou de actividade acentuadamente rural — e que zona do país não o foi? — parte significativa daquelas colecções é constituída por alfaias ou objectos que foram utilizados na agricultura. O seu conhecimento, num quadro comparado mais alargado, permite devolver-lhes um sentido universalizante que ultrapasse a simples expressão mais localista da sua singularidade. A exposição e o catálogo que a acompanha desejam contribuir para esse mesmo enquadramento geral dos utensílios e do seu uso na sociedade rural portuguesa.

A altura em que esta exposição é apresentada é aquela em que a primeira geração de jovens, mesmo provindos do meio rural, já não viu um arado a trabalhar e não sabe provavelmente o que é. E, por isso, ela pode constituir-se em laboratório e espaço lúdico que ajude a pensar a história, a geografia, as relações do homem com a natureza, os procedimentos técnicos e as tecnologias, a produção de formas e a elaboração estética, os nomes das coisas, lugar de diálogo e preenchimento de conteúdos das disciplinas que integram os seus estudos curriculares. É, assim, desejo nosso que as escolas, com ela, possam mais facilmente contar a história de uma parte importante da população do país, da sua economia e do seu território, em torno do trabalho da terra de que o arado se separou, erguendo voo para o espaço do nosso imaginário, ponto de partida para as questões que a exposição pode ajudar a formular.

Museu Nacional de Etnologia, Dezembro de 1996